

João Pedro Pedro (21) é estudante (Centro Universitário Belas Artes de São Paulo) e pesquisador da Curadoria Contemporânea, tendo realizado assistências curatoriais para curadores como Andrés Hernández, Nancy Betts, Ícaro Vidal, Katia Salvany, Sylvia Werneck, Theo Monteiro e, em seu último trabalho, ao lado de Agnaldo Farias. Também possui em seu nome as curadorias de, *Constelações Tangíveis*, exposição realizada no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, e *A Beleza (Desútil) da Madeira*, no AtelierBB39. Inicia, em 2025, um estudo e aprofundamento no trabalho de Gretta Sarfaty, o qual passa a atuar como assistente, e o resultado dessa aproximação são seus últimos textos críticos, “Os Contos em Uma Cidade (The tales in A City)” e “Gretta Sarfaty - Artista Gênia (Gretta Sarfaty - Genius Artist)” que discorrem um pouco sobre a produção da artista.

Os Contos em Uma Cidade (The tales in A City)

Como de costume no trabalho de Gretta Sarfaty - o qual já escrevi sobre e tenho o prazer de escrever novamente - *My single life in New York*, série datada de 1986, evoca a palavra “intimidade”,- como já mencionado antes - característica no trabalho de Gretta. Mas desta vez, e pela primeira vez - se pautamos sua produção como ponto referencial -, somos colocados frente a frente com pessoas desconhecidas, em ambientes desconhecidos, vivendo momentos desconhecidos - para nós, mas não para Gretta, que como a boa artista que é, observa o seu redor, presença -. Essa intimidade, ressurgida em nós, atravessa Gretta, claro, a nós espectadores, até porque a obra de arte - em contexto geral - só se concretiza quando nos dispomos frente a ela, mas também perpassa outros. Quais outros? Não sei te responder, indagador leitor, mas isso - em muitas formas de se pensar - não importa, até porque se importasse a série precisaria ser rebatizada para *Our single life in New York*.

À medida que, imagino que já tenham percebido - não apenas pelo título da série, mas por este último parágrafo inteiro - o objeto de estudo deste texto nos conta um pouco sobre as vivências de uma mulher solteira na Nova Iorque dos anos 80, e acho que não deva ser difícil de imaginar o quão - literalmente - badalado poderia ser este estilo de vida. Porém, o que a artista faz neste conjunto vai além de apenas representar o que seria viver a ocasião, não, ela nos coloca tão de perto

dessas situações, momentos, conversas e drinks, - e nós, se verdadeiros admiradores da arte, nada podemos fazer a não ser aceitar o convite e consentirmos ao papel de *voyeur* encabido - que quase como uma cápsula do tempo, resguardando aquele instante, podemos sentir entrando em nossas narinas o perfume amargo, áspero e caloroso, dos cigarros acesos, ouvir vozes, umas mais finas e outras bem grossas, trocando tagarelices, e outras ainda abafadas e sedutoras, ditas ao pé do ouvido, e, se aguçarmos nosso palato, sentir o retrogosto de um, muito bem feito, Long Island Iced Tea que, há duas pinturas atrás, desceu pela nossa garganta.

É incrível a forma como Greta utiliza de sua técnica de deformações, as quais - se estão familiarizados com o trabalho dela - são capazes de provocar sensações e instigar nossa percepção visual de diferentes formas em cada série. Sabemos que em *Transformations*, por exemplo, essas figuras de feições fantasmagóricas nos fazem assumir um estranhamento, que ao mesmo tempo faz desejar - com tanta força - desviar o olhar, como - na mesma intensidade - chegar cada vez mais perto. Nesta série no entanto, nos dividimos, estamos, sincronicamente, tentando entender como é possível que minha visão esteja confusa dessa forma, e nos segurando para não rir e acabar sendo deselegante com as pessoas que estamos encarando, e aqui - como se naturalmente surgisse em minha cabeça lembranças do que já passei anteriormente, ou melhor, todos nós passamos - percebo que não se trata de uma enfermidade oftalmológica ou cerebral, mas sim, dos efeitos do *drink* que mencionei no parágrafo anterior.

Os traços e pinceladas, leves e soltos, representam muito bem a despreziosidade dessa série, e somados às cores “noturnas” - se é que existe tal categorização - resultam em um conforto petulante, na medida certa, desenvolvido em sua própria ambientação. A obra em si, joga, com todo o charme nova-iorquino, seu flerte e cabe a nós responder de volta ou passar para o pretendente subsequente.

Charles Dickens diz em seu livro *Um Conto de Duas Cidades*, publicado como volume pela primeira vez em 1859, como é extraordinário e merecedor de reflexão o fato de que cada ser humano se constitui “num profundo e indecifrável enigma para todos os demais”, que principalmente quando entra em alguma grande cidade à noite - se lembra de alguma, leitor? Que tal Nova Iorque? - considera “que cada coração pulsando nessas centenas de milhares de peitos esconde algum segredo para o coração que está ao seu lado”. Resolvo aqui então aproximar essa

citação de Dickens ao trabalho de Gretta, já que seu próprio coração é um desses milhares, e que com muita sinceridade - em todos seus trabalhos - ela abre seus segredos, mantendo, claro, aqueles que são só dela guardados, como todos nós. Mas o mais interessante da série que estou dissolvendo neste texto é que, não só estamos decifrando os enigmas da artista, mas nos é dada a possibilidade de tentar - claro que sem sucesso - desvendar os enigmas das figuras que, tão subitamente perto, estão na nossa frente. Quais suas dores - pois todos as tem -? O que os fazem brindar? Seus nomes? O que os seduzem? De onde vieram e para onde estão indo? E acima de tudo, quais segredos seus corações escondem?

My single life in New York consegue mesclar a diversão com a sensualidade, dentro do olhar da “solteirice”, fase vista pelos românticos incorrigíveis como um tempo de trevas e solidão, em uma cidade que - como todos dizem e Frank Sinatra immortalizou em sua voz na música *New York, New York* - não dorme, e o resultado é uma série que ao mesmo tempo é reveladora em todos os sentidos e enigmática em todos os outros, ou seja, a experiência completa do que seria provar sua primeira aventura adentrando o ambiente competitivo, hostil, barulhento, mas extremamente sedutor e promissor de um bar badalado dos anos 80 em NY, e claro, solteira.

Então, caro leitor, se a grana estiver curta, mas a vontade de um dia visitar *The City That Never Sleeps* opostamente alta, ou até se quiser revisitar o falecido Studio 54, recomendo que procure os trabalhos de *My single life in New York* de Gretta Sarfaty, vista o lençol branco de fantasma que a artista te entrega e assista, sem timidez, aos cigarros se queimando, copos esvaziando e sendo preenchidos novamente, ao falatório de conversas cruzadas, e sinta-se, pelo menos por uma noite, dentro da *Big Apple* da América do Norte.

João Pedro Pedro
Curador

João Pedro Pedro (21) is a student (University Center of Fine Arts of São Paulo) and researcher of Contemporary Curatorship, having carried out curatorial assistance for curators such as Andrés Hernández, Nancy Betts, Ícaro Vidal, Katia Salvany, Sylvia Werneck, Theo Monteiro and, in his latest work, alongside Agnaldo Farias. He also has to his name the curators of *Tangible Constellations*, an exhibition held at the University Center of Fine Arts of São Paulo, and *The (Useless) Beauty of Wood*, at AtelierBB39. In 2025, he began studying and delving deeper into the work of Gretta Sarfaty, where he begins to act as assistant, and the result of this approach were his latest critical texts, “Os Contos em Uma Cidade (The Tales in A City)” and “Gretta Sarfaty - Artista Gênica (Gretta Sarfaty - Genius Artist)”, which discuss the artist's production.

The Tales in A City

As usual on Gretta's Sarfaty work - which I've written about before and have the pleasure to do it again - *My single life in New York*, dated 1986, evokes the word “intimacy”, - as mentioned before - characteristic of Gretta's pieces. But this time, and for the first time - if we put her production as reference point -, we're located front to front with unknown persons, in unknown places, living unknown moments - for us but not for Gretta, that being the good artist she is, observes her surroundings, lives it -. This intimacy, remerged on us, passes Gretta, of course, us spectators, since an artwork - in a general context - only becomes concrete when we put ourselves in relation to it, but passes others as well. Which others? I don't have the answer, curious reader, but that - in many ways of thinking - doesn't matter, especially because if it mattered the series would have to be renamed to *Our single life in New York*.

As I imagine that you already perceived - not only by its title, but for the whole last paragraph - the study subject of this text tells us a little about the experiences of a single woman in the 80's New York, and I think it's not hard to imagine how much - literally - active could be this lifestyle. Although, what the artist does in the set goes beyond than just represent what would be living the occasion, no, she put us so “closely close” of these situations, moments, chats and drinks, - and we, if true art

admirers, that cannot do anything but accept and consent the *vouyer* role fitted on us - that almost as a time capsule, guarding those instants, we can feel entering our nostrils the bitter, raspy and warm perfume of lightened cigarettes, hear the voices, some really thin and others pretty deep, exchanging chatter, and even others, muffled and seductive, spoken in the ear, and, if we sharp our palate, feel the aftertaste of a, really well made, Long Island Iced Tea that, at two paintings ago, went down our throat.

It's incredible the way that Gretta utilizes her deformation technique, which - if you're familiar with her previous artwork - are capable of provoking sensations and instigating our visual perception in a different way on each series. As we know from *Transformations*, for example, these figures of phantasmagoric features make us feel strange, and at the same time wish - so badly - to get away, and - in the same intensity - get closer. However, in this series, we're divided, synchronously, trying to understand how its possible that my vision is so confuse, and holding ourselves not to laugh and end up being rude to this person were in front of, and at this point - as if naturally appeared in my head memories of what I've been through, or better, we all have been through - I realize that it's not about an ophthalmology or brain disturb, but about the effect of the previously mentioned, on the last paragraph, *drink*.

The light and fluid lines and brushstrokes, represents very well the unpretentiousness of the series, and plus the "nocturne" color palette - if such categorization exists - results in a petulant confort, in the right amount, jaunty in your own environment. The work itself launches, with all the new yorker charm, its flirt, and is up to us to respond or pass to the next wooer.

Charles Dickens writes on his book *A Tale of Two Cities*, published as volume for the first time in 1859, how extraordinary and reflection worthy is the fact that each human being "is constituted to be that profound secret and mystery to every other", that mainly when entering a great city at night - do you record of one, reader? What about New York? - considers "that every beating heart in the hundreds of thousands of breasts there, is, in some of its imaginings, a secret to the heart nearest it". At this point, I decide to approximate this Dickens's quote to Gretta's work, since her very heart it's one of those thousands, and with great sincerity - in all her production - she opens her secrets, keeping, of course, those who belongs only to her guarded, as we all do. But the interesting part of the series I'm "dissolving" on this text is, that we're not only deciphering her enigmas, but is given to us the possibility of trying -

without success, as expected - unravel the enigmas of the figures, that so suddenly close, are in front of us. What are their pains - because everybody got'em -? What makes them toast? Their names? What seduces them? Where they're going and where did they came from? And above all, which secrets are their hearts hiding?

My single life in New York is able to unite fun with sensuality, from a "bachelors" view, phase seen by the hopeless romantics as a time of darkness and loneliness, in a city that - as everyone says and was immortalized by Frank Sinatra's voice, on the song *New York, New York* - doesn't sleep, and the result is this series, that at the same time can be revealing in every way and enigmatic in every other, in other words, the complete experience of what would be your first adventure entering the competitive, hostile, noisy, but extremely seductor and promising surroundings of a 80's trendy bar in NY and, of course, single.

So, dear reader, if you're down on money, but with a desire of visiting *The City That Never Sleeps* oppositely high, or even if you want to revisit the late Studio 54, I recommend you to look for *My single life in New York* pieces of Gretta Sarfaty, put on the phantom white cloak the artist gives you and watch, shamelessly, to the burning cigars, glasses getting empty and being filled again, to the chit-chat of crossed conversations, and feel, even if for only one night, living in the North America's *Big Apple*.

João Pedro Pedro
Curator